



Espaços e corporalidades *queer* em duas obras de literatura ficcional

Queer spaces and corporalities in two works of fictional literature

Marcos Sardá-Vieira¹
Universidade Federal da Fronteira Sul

Resumo: Diante da práxis discriminatória contra a existência de corpos femininos e LGBTQIAP+, problematiza-se neste artigo a condição de urbanidades historicamente conduzidas por biopolíticas heterocispatriarcais e pela reprodução do binarismo de gênero. Tal condição reflete tendências para a padronização dos modos de vida e, por consequência, limita modos diversos de representar a sociedade e seus espaços de interação. A partir desse contraponto, o objetivo é analisar diferentes criações espaciais e corporalidades criativas a partir de duas obras brasileiras de literatura ficcional contemporâneas: [1] a série de contos do livro *Entre Nós*, com uma seleção histórica de escritores/as brasileiros/as tratando sobre homossexualidades, assim como [2] os contos fantásticos do livro *Violetas, Unicórnios & Rinocerontes*, com suas narrativas queertópicas. Utiliza-se a análise de discurso para contextualizar as narrativas dos contos com o enquadramento histórico-cultural, relacionado a criações de possíveis lugares ficcionais e queertópicos. Com essas análises discursivas espera-se contribuir para o campo da imaginação utópica de corpos e cidades efetivamente mais democráticos e criativos.

Palavras-chave: Queertopia; Corporalidades dissidentes; Literatura fantástica.

Abstract: Faced with the discriminatory praxis against the existence of feminine and LGBTQIAP+ bodies, this article problematizes the condition of urban spaces historically shaped by heterocispatriarchal biopolitics and the reproduction of gender binarism. This condition reflects tendencies towards the standardization of ways of life and, consequently, the limitation of different forms of representing society and its spaces of interaction. From this, the objective is to analyze different spatial creations and creative corporalities based on two Brazilian contemporary works of fiction

literature: [1] the collection of short stories in the book *Entre Nós*, which features a historical selection of Brazilian writers dealing with homosexuality, as well as [2] the fantastic tales from the book *Violetas, Unicórnios & Rinocerontes*, with its queertopical narratives. Discourse analysis is employed to contextualize the narratives within the historical-cultural framework related to the creation of possible fictional and queertopic places. Through these discursive analyses we hope to contribute to the field of utopian imagination of bodies and cities that are effectively more democratic and creative.

Keywords: Queertopia; Dissident bodies; Weird literature.

Introdução

Ao questionar a constituição binária reproduzida por políticas cisgênero e heteronormativas, apresenta-se neste artigo o contexto pós-identitário¹ e *queer* para analisar as configurações possíveis de corpos e urbanidades através da literatura de ficção. Essa temática é inspirada pelo termo *queertopias*, a partir da obra de Fabiana Gomes de Assis (2021), como um dispositivo teórico, político, artístico e metodológico para questionar a visão restrita da ontologia do humano e, ao mesmo tempo, resgatar as narrativas literárias e fílmicas contemporâneas que proliferam alternativas existenciais mais imaginativas e criativas, ampliando a liberdade, garantindo o respeito e ressignificando as opressões cotidianas. Portanto, em contraponto ao conjunto de valores e saberes da sólida e hegemônica cultura (material) heterocispatriarcal, discute-se aqui o caráter transformador das *queertopias* (ou das utopias de inspiração *queer*) na produção literária da contemporaneidade (JAMESON, 2021; PRECIADO, 2020).

Em geral, a própria concepção de utopia costuma estar vinculada à criação de situações melhores para a vida das pessoas, em contraste com as possibilidades interpretadas pela condição real, nem sempre favorável a todos e todas (CAÚLA, 2007; RIBEIRO, 2002). Assim, ainda que para algumas ideologias mais conservadoras a utopia represente intenções de ameaça ao contexto factível de realizações consolidadas, esta permanece como impulso fundamental para dar forma ao debate político em concepções idealistas pela qualificação da vida coletiva (CLAEYS, 2013). Logo, o conceito utópico torna-

¹ Neste artigo, o pós-identitário refere-se ao questionamento das políticas identitárias ao padronizar os perfis dissidentes da condição heterocispatriarcal. Assim, ainda que identidades *queers* sejam nomeadas, elas se referem mais ao espectro de variações e interseccionalidades do que a uma delimitação estereotipada, padrão e fixa.

se uma reflexão crítica de esperança e imaginação para aprimorar a condição humana (SARGENT, 2008). Por isso, a imaginação utópica, criada com a intenção de impulsionar mudanças, novas descobertas e até mesmo revoluções, pode ser negada enquanto desvio das realizações já estabelecidas na sociedade, em defesa da segurança ideológica e da abnegação criativa; por outro lado, defender a utopia torna propositiva a criação de novos caminhos para transformar a noção de realidade, ou mesmo como meio de analisar criticamente a imposição de realidades homogêneas e obtusas diante da incapacidade imaginativa e libertadora circunstancial (COELHO, 1985).

A cidade, enquanto resultado de interpretações restritivas, costuma ser vislumbrada como lugar onde todas as funções e interesses possam atender ao caráter nostálgico de uma vida segura e cíclica diante de julgamentos de valores particularizados. Porém, na prática, a cidade está muito longe de representar esta eutopia² de harmonia na relação entre as pessoas e destas com o ambiente urbano. Pelo contrário, a realidade urbana vem se constituindo tanto pela segmentação heterotópica de diferentes grupos e indivíduos quanto por zonas de conflitos na tentativa de compatibilizar ou preservar tantas intenções díspares em urbanidades simultâneas (PRECIADO, 2020; FOUCAULT, 2013).

A dinâmica da cidade contemporânea se faz pela grande diversidade de desejos, necessidades, interações culturais e condições materiais que, dificilmente, corresponde a qualquer modelo de cidade (e ideologia produtivista) a ser concebida enquanto desenho e representação humana. Por isso, o desejo pela maior participação e cidadania no espaço urbano deve compor a insurgência política e queerótica ao vislumbrar cidades futuras para a maior diversidade de corpos e intersubjetividades não binárias e contrassexuais, qualificando a experiência empírica, assim como a imaginação coletiva.

Diante disso, o objetivo principal aqui é analisar as concepções espaciais criadas por algumas obras de literatura ficcional e fantástica, ao imaginar a arquitetura de cidades que atendam outras necessidades e desejos e, ao mesmo tempo, promovam respeito e equidade na representação de subculturas diversas associadas ao espectro LGBTQIAP+.³ Partindo da

² Eutopia significa a noção de uma utopia feliz, segundo Sargent (2008).

³ A sigla LGBTQIAP+ designa o amplo espectro (pós)identitário de gênero e sexualidades formado por lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, *queer*, intersexuais, assexuais, pansexuais e tantas outras mais.

pesquisa qualitativa e interdisciplinar,⁴ a metodologia se pauta pelo levantamento bibliográfico de livros e artigos científicos. Utiliza-se o referencial teórico da literatura ficcional e fantástica, relacionada à concepção utópica de espaços urbanos e cenários emblemáticos, estabelecidos pelas queertopias de narrativas contemporâneas a serem analisadas discursivamente a partir de Foucault (1996) e Orlandi (2020). Para isso, dois livros de contos foram selecionados: *Entre Nós*, organizado por Luiz Ruffato (2007); e *Violetas, Unicórnios & Rinocerontes*, organizado por Claudia Dugim (2020).

Na sequência, busca-se compreender a constituição da cidade pós-moderna⁵ implicada por um campo de disputas e realizações materiais que mantém na inclusão marginal as estéticas de existências LGBTQIAP+ como contraponto à realidade urbana e ainda dominada majoritariamente por políticas heterocispatricais. Por fim, é no campo artístico da literatura fantástica que se considera a possibilidade de explorar a imaginação criadora de idealizações e inovações espaciais para além do conservadorismo medíocre e autoritário.

2 Representação LGBTQIAP+ e crítica à hegemonia heterocispatricarcal

A compreensão institucional (ou mesmo jurídica) do que valida a humanidade de cada pessoa está muito distante da experiência cotidiana em garantir o direito à cidade, na medida em que ainda predomina o campo moral de desrespeito às diferenças. Nesse sentido, são vários os marcadores interseccionais que podem identificar uma pessoa ao longo de sua vida, como a cor da pele, a nacionalidade, o tipo de vestuário, o modo como caminha ou fala e tantas outras características discursivas e gestuais associadas à performatividade particular de cada corpo (SILVA, 2021; FERREIRA, 2014). Entretanto, a hierarquização identitária costuma ser mais intrínseca quando articulada por valores morais associados ao contraste nítido entre sexo, gênero e desejos, combinando particularidades e experiências individuais para serem aceitas ou excluídas. Nesse caso, ainda que seja necessário o enquadramento de

⁴ Pesquisa referente à investigação de Pós-Doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGH/UFSC) entre 2021 e 2022, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores.

⁵ Cidade pós-moderna significa aqui a incorporação de fragmentações socioespaciais contemporâneas como características de processos de gentrificação e descontinuidade de políticas públicas para a erradicação da pobreza.

gêneros binários e heterocisnormativos, vistos como naturais pelo senso hegemônico, a realidade se torna uma visão compartilhada por necessidades que não partem, exatamente, das necessidades pessoais ou do respeito às singularidades possíveis, mas sim pelo consenso do que se define como moralmente aceitável (MONICA, 2020).

Desde a consolidação urbana no século XIX, a representação do homem (presumivelmente branco) ainda se mantém como parâmetro de humano para quem haveria o privilégio de vivenciar o espaço público com autonomia. Em especial nas cidades brasileiras de hierarquia conservadora, onde mulheres e homens negros precisam evitar sair às ruas à noite para não sofrerem violência (sexual e policial, respectivamente) ou onde mulheres transexuais e travestis correm o maior risco de discriminação e transfobia no período diurno. Esses são apenas alguns exemplos para compreender que a realidade particular de cada pessoa consagra sua condição de existência com base em estigmas morais, relativizando a liberdade de ir e vir de quem foge da representação privilegiada da pessoa branca, masculina, cisgênero e heteronormativa (CORREIA *et al.*, 2018).

Nesse sentido, a impossibilidade das pessoas de aprofundar compreensões dialéticas com base no dissenso, observando que mesmo os processos de identificação não são garantia de pertencimento e coerência dentro de determinados grupos (ou pelo compartilhamento de valores e sistemas de consumo), torna-se um grande desafio na constituição de uma realidade mais ampla e receptiva às diversas formas de atribuir sentido ao que pode ser reconhecido como humano de direito, em especial, na ocupação do espaço público equitativo (SILVA, 2021; TRINDADE, 2012).

Contudo, na contramão de possíveis mudanças de paradigmas, tanto em narrativas históricas quanto na consolidação discursiva e material da realidade, seria possível construir um novo horizonte crítico com base na imaginação, enquanto atributo típico do humano em sua capacidade de pensar no futuro, ao se considerar a constituição do urbano para além do que está posto? Nesse caso, como vislumbrar cidades mais democráticas, solidárias e acolhedoras para os diferentes corpos e (inter)subjetividades dissidentes das políticas heterocispatriarcais, se o próprio campo da imaginação (quando não a própria existência) é tolhido das representações públicas quando julgado moralmente disruptivo?

A partir desses questionamentos, destacam-se aqui as representações insurgentes de corpos, performatividades e desejos não heterocisnormativos ainda pouco presentes no

âmbito da cultura material, principalmente ao consolidar sua estética de existência na arquitetura das cidades contemporâneas, em parte devido aos ataques de grupos fundamentalistas contra seu impulso utópico potencial.

Apesar de as subculturas LGBTQIAP+ conquistarem maior visibilidade na realidade de grandes cidades ocidentais, suas representações ainda permanecem pouco visibilizadas na aparência e constituição efetiva da cultura material e urbana, principalmente, em relação às suas necessidades e expressões específicas. Em geral, as corporalidades, performatividades e desejos permanecem desalinhados da condição heterocispatrilial predominante, muitas vezes, na linha de precariedade socioterritorial em regiões periféricas e tradicionais, o que significa dizer, na eminência da inclusão marginal ou do aniquilamento de suas corporalidades-performativas e isolamentos intersubjetivos pela falta de inserção e reconhecimento sociocultural e público (VIEIRA; GIORGI; ROJESKI, 2022).

Nesse sentido, permanece a reprodução da cidade, de seus modos de vida e da cultura predominante decantada historicamente, através de mecanismos biopolíticos para atender às representações socioculturais clones, reafirmando seus consensos de exclusão e preconceito para, assim, garantir o contraste e a relativa unidade de suas próprias idiosincrasias. No caso, a ausência desses reconhecimentos pautados pela diferença acontece, predominantemente, na relação de maiores contrastes e poucas transições na configuração dos perfis sociais, assim como na organização do espaço de interações (SARDÁ-VIEIRA, 2022), ou seja, na compatibilização da pluralidade de corpos, comportamentos e (inter)subjetividades pautadas pela condição de gêneros binários e de políticas heterossexuais reprodutivas. Esses aspectos se refletem tanto nas formas de condução de relacionamento e comunicação entre as pessoas quanto na delimitação funcional e formal de espaços e atividades dicotômicas, bem como nas relações entre público-privado, moradia-rua, trabalho-lazer.

Tais configurações espaciais, portanto, refletem poucas variações entre modelos de necessidades e produtividades, partindo da referência básica de reprodução de corpos e subjetividades padrões, vinculados às estruturas mais tradicionais na constituição de núcleos familiares patriarcais, monogâmicos, cis-heteronormativos e de gêneros binários. Isso falsifica a noção de diversidade na estrutura social, ao mesmo tempo em que vulnerabiliza todas as pessoas que fogem desse sistema de regramentos e disciplinas impositivas (SARDÁ-VIEIRA, 2021).

O processo recente de democratização do Brasil, iniciado na reforma constituinte de 1988, ou da própria emancipação democrática ocidental desde os anos 1980, vem tornando saliente a manifestação dos diferentes setores sociais no requerimento de suas pautas políticas-ideológicas particulares, destacando-se os movimentos feministas, étnicos/raciais e ambientalistas. Da mesma forma, a ampliação das demandas dos movimentos de dissidência de gênero e sexualidades vem acrescentando novas letras na sigla identitária LGBTQIAP+. Desse modo, tais participações e organizações, com seus movimentos representativos como a Marcha das Vadias e as Paradas da Diversidade, nos territórios brasileiro, sul-americano, europeu e norte-americano, vêm requerer o direito ao espaço público da cidade para discutir essas pautas identitárias e, com isso, revelar a pluralidade de comportamentos, afetos, desejos e corporeidades, atuando e influenciando as sociedades democráticas (GUZZO; WOLFF, 2020; BUTLER, 2018; MARTEL, 2013).

Essa compreensão de uma representação mais ampla na formação de um espectro mais diversificado de pessoas entre condições ainda naturalizadas como duais advém da teoria *queer*, como estudo de desarticulação da visão binária entre gênero, do questionamento da branquitude hegemônica e da problematização da heterossexualidade como parâmetro hierárquico na desvalorização de sexualidades dissidentes. Desse modo, a teoria *queer* torna-se uma ideia, um impulso utópico, que tanto desarticula as referências na constituição fixa do que se concebe com base na modernidade quanto suaviza a transição das singularidades humanas em um espectro plural e amplo de combinações. Por isso, tal conjunto de ideias torna obsoleta a intenção de encaixar todas as pessoas em fôrmas dicotômicas de identidades, corporalidades, performatividades e subjetividades, isto é, entre ser homem ou mulher, cisgênero ou trans, heterossexual ou anormal, branco ou mestiço e, por fim, monogâmico ou perverso (GONZATTI, 2021; LEWIS, 2017; BUTLER, 2015).

Entretanto, na medida em que a maior diversidade de corpos, identidades e desejos ameaça o entendimento das tradições sociais – vistas pela formação da família convencional, do patriarcado e do contraste entre os sexos binários –, instaura-se o pânico moral pelos segmentos mais conservadores, como foi o caso da falsa campanha de oposição à suposta ideologia de gênero (MISKOLCI, 2018) e do campo ideológico contrautópico forjado pelo negacionismo da arte e da ciência (QUARESMA *et al.*, 2022). Assim, nesse campo de disputas e violências simbólicas contemporâneas, perpetradas na atualidade nacional e internacional

por discursos e políticas autoritárias, as expressões e campanhas em defesa da diversidade de gênero e sexualidades se veem ameaçadas (MIGUEL, 2021). Em decorrência, com os fenômenos mais recentes de manifestações de ódio, injúrias e preconceitos como forma de delimitar o círculo hegemônico do poder masculinista e heterocisnormativo, a invisibilidade das representações de dissidência, coibidas pela violência premente, torna-se meramente uma estratégia de sobrevivência, principalmente, nas vivências urbanas brasileiras. O que reduz, portanto, a possibilidade de explorar o caráter inovador voltado ao desenvolvimento sociocultural e espacial pela constituição plural das diferentes perspectivas de estar no mundo.

Com a ascensão das políticas retrógradas e irracionais de extrema-direita na atualidade, em suas campanhas racistas, antifeministas – contrárias aos direitos humanos e às conquistas no campo jurídico, educacional e cultural pela diversidade –, julga-se a emergência em vincular os estudos de gênero e sexualidades com outros campos de pesquisa para compreender como tais concepções de base moral e discriminatória interferem nas (inter)subjetividades cotidianas, nos discursos de ódio e em determinados setores alinhados ao sistema produtivo capitalista, arrebanhando contingentes populacionais ressentidos e alienados (SEFFNER, 2020; BROWN, 2019).

Dessa forma, além das pautas identitárias e territoriais como modo de manter a esperança de consolidação da sociedade democrática na perpetuação do espaço público e dialógico, também se considera importante relacionar as demandas subversivas e questionadoras do universo *queer* através da imaginação artística para vislumbrar o direito a cidades mais acolhedoras e plurais à diversidade de expressões humanas, por meio da literatura. Portanto, na sequência, através de exemplos ficcionais da literatura fantástica intenta-se imaginar outras perspectivas estéticas de futuro.

3 Referências da ficção fantástica e análises das duas obras literárias

A literatura ficcional e, em especial, a literatura fantástica, no relato do inexistente, do mágico, da mitologia e pela possível criação de mundos secundários, paralelos e ficcionais, surgem como subterfúgios para o desejo de utopia no transcorrer desta análise.

Nos processos de criação e produção artísticas, incluindo a literatura e as histórias em quadrinhos, o fantástico também está presente em jogos de RPG, em jogos eletrônicos e nos cinemas, misturando suas influências e compartilhando narrativas de mundos secundários

alternativos. Contudo, na medida em que o fantástico é bastante amplo em suas formas de representação estética e estilística, com diferentes linguagens e classificações de gênero, em geral traça-se um caminho intuitivo para destacar algumas obras ao longo do levantamento e, assim, analisar o caráter insólito e criativo na configuração de seus cenários e lugares. Ao mesmo tempo, a literatura fantástica costuma não ter classificações unânimes devido à sua diversidade de temas e combinações. Ainda assim, segundo Bruno Mantangrano e Enéias Tavares (2018), é comum identificar dois conjuntos para dividir a *alta* e a *baixa* fantasia em função da proximidade ou do distanciamento em relação à realidade. No caso, a alta fantasia estaria mais distante do mundo primário (como em *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien) enquanto a baixa fantasia estaria mais próxima da realidade (similar à obra *The Dresden files*, de Jim Butcher). De qualquer modo, conforme explicam os autores, atualmente o mundo acadêmico apresenta outra classificação complementar, dividindo-a em três grupos:

Fantasia imersiva (quando passada totalmente em um mundo secundário), fantasia de portal (quando há uma inter-relação entre ambos os mundos) e fantasia intrusiva (naquelas em que o sobrenatural se faz presente no mundo primário) (MANTANGRANO; TAVARES, 2018, p. 234).

Outra classificação possível é considerar os gêneros literários da fantasia segundo suas temáticas, como a *dark fantasy*, que trata do terror; *science fantasy*, que é similar à fantasia científica; as fantasias históricas, que misturam romance e fantasia; e a *steampunk*, que traz a concepção do *retrofuturismo* ao imaginar como seriam os acontecimentos futuros da humanidade caso algum fato do passado tivesse acontecido sob outras circunstâncias (MANTANGRANO; TAVARES, 2018).

Nessa compreensão, é interessante situar que a concepção do espaço urbano pode estar relacionada a qualquer uma dessas classificações da literatura fantástica. Entretanto, na medida em que a narrativa mantém ligação com localidades reais, considerando cidades como Chicago na obra *The Dresden Files*, por exemplo, a fantasia mistura-se com fatores do mundo primário, como se fosse intrusiva. Mas também é possível considerar a cidade totalmente criada pelo mundo secundário, onde a fantasia predomina na conformação nem sempre lógica do lugar, remetendo à imersão no espaço inusitado, conforme o que acontece na saga *Harry Potter*, quando J. K. Rowling remete à localidade mágica de *Hogwarts*, ou de

maneira similiar, como acontece na narrativa de *Nova Crobuzon*, em *Estação Perdido*, escrita por China Miéville (MANTAGRANO; TAVARES, 2018; MIÉVILLE, 2016).

Através dessas narrativas e personagens disruptivos também se configura parte da própria narrativa literária interpretada como ficção científica, insólita, *weird* e fantástica. Com base nessas obras, suas narrativas e personagens, argumenta-se que tais produções artísticas revelam um campo ainda pouco explorado em outras áreas acadêmicas (principalmente nas Ciências Sociais Aplicadas) sobre a implicação política da imaginação utópica na constituição (ou mesmo reflexão) de novas ideias para viver as cidades na atualidade (JAMESON, 2021; MASSAGLI, 2015; CLAEYS, 2013).

Dito isso, analisa-se cada obra, delimitando o campo de estudos neste texto. Assim, destacam-se dois livros de contos a partir de temáticas vinculadas às insurgências LGBTQIAP+, tanto no sentido da corporalidade/personalidade singular quanto na reelaboração ou desconstrução da cidade e outros ambientes insólitos como entidade espacial/territorial de convivências contra-hegemônicas. As duas obras analisadas são: [1] os contos do livro *Entre Nós*, organizado por Luiz Ruffato, reunindo diferentes períodos e autores/as consagrados/as com narrativas sobre homossexualidade; [2] o livro de contos *Violetas, Unicórnios & Rinocerontes*, relativo à literatura LGBTQIAP+ e organizado por Claudia Dugim.

*

O livro de contos *Entre Nós* apresenta uma variedade de histórias ficcionais de e em diferentes épocas, que abordam de maneira contundente (e muitas vezes de forma sutil) as relações e experiências pautadas pela homossexualidade. Essas experiências, algumas vezes, nem mesmo se revelam literalmente como identidade ou parte de uma subcultura, na medida em que estão incorporadas nos modos de vida cotidiana. Tais vivências se manifestam tanto pela perspectiva da invisibilidade identitária não reconhecida pelas convenções cotidianas quanto em defesa do preconceito, quando a narrativa parte do entendimento convencional em direção ao outro, como sujeito abjeto (RUFFATO, 2007).

Com organização de Luiz Ruffato e apresentação de Denilson Lopes, a sequência de contos dos dezenove autores selecionados tem início com Machado de Assis, seguido por João do Rio, Aníbal Machado, Dinah Silveira de Queirós, Moreira Campos, Harry Laus, Lygia Fagundes Telles, Rubem Fonseca, Autran Dourado, Samuel Rawer, Hilda Hilst, Silviano

Santiago, Myriam Campello, Luiz Vilela, João Silvério Trevisan, Caio Fernando Abreu, Julio César Monteiro Marins, Cíntia Moscovich e Simone Campos.

Na organização geral da obra, Luiz Ruffato (2007) apresenta esse livro como contribuição à historiografia de publicações sobre a homossexualidade em literatura, diante de obras esparsas lançadas no Brasil apenas ao longo da segunda metade do século XX, ainda que personagens e narrativas associados à temática tenham sido tópicos em obras clássicas desde o final do século XIX, como aponta o organizador (Ruffato, 2007). Entre as publicações semelhantes à coletânea *Entre Nós*, e entre as quais se projetam novas discussões para além do gueto da homossexualidade, Ruffato destaca:

Em 1967, apareceu a primeira antologia sobre o tema, iniciativa de Gasparino Damatta, "História do amor maldito"; em 1995, a segunda, organizada por José Carlos Honório, 'O amor com olhos de adeus'. Já no século XXI, duas outras coletâneas foram publicadas, 'Triunfo dos pelos e outros contos GLS' (escolhidos em concurso patrocinado pela editora), em 2000, e 'Lado B, histórias de mulheres', em 2006, seleção de Lúcia Facco (RUFFATO, 2007, p. 14).

Abrangendo um período de quase cem anos — que separam o conto de Machado de Assis (1839-1908) do texto de Simone Campos (1983-), a autora mais jovem da coletânea —, as narrativas no livro iniciam por relações homoafetivas difusas (entre amizade, desejo e companheirismo) e, aos poucos, vão tornando plausíveis as intimidades, as sexualidades e os relacionamentos legítimos entre pessoas do mesmo sexo. São amizades entre homens e entre mulheres, afetos despertados pela sedução dos corpos, pela nudez, decotes e cabelos. A partir do conto *O estivador* de Harry Laus (a sexta estória, na sequência), o envolvimento afetivo e sexual ganha evidência como identidade e modo clandestino de estabelecer relações; ou de manter relações quase sempre suscetíveis à incompletude, à proibição e na impossibilidade de se tornarem viáveis, na medida em que ainda estão pautadas pelas políticas cis-heteronormativas para comportamentos e modos de vida.

Para os personagens presentes nos contos de *Entre Nós*, em suas práticas de desvio em relação aos desejos e às orientações sexuais, o cenário da ficção corresponde ao lugar marginal e precário permitido para a maioria dessas pessoas e suas representações LGBTQIAP+. Na obra, os espaços públicos e privados não são, em geral, desconstruídos do real, sejam no campo, nas pequenas cidades ou nas grandes metrópoles. Pelo contrário,

permanecem as referências e as estruturas urbanas convencionais, como se as necessidades e os desejos estivessem baseados quase sempre na mesma política e economia institucional de conformação social a partir da família, do convento, da vigilância moral e jurídica, da igreja, dos locais de socialização como restaurantes, dos prostíbulos para atender aos desejos *heterocismasculinos*, entre outras locações presentes nas narrativas.

O campo da literatura *gay* contemporânea costuma estar associado ao engajamento político em contraponto à condição cis-heteronormativa ao representar grupos e pessoas normalmente excluídas ou discriminadas como parte de uma subcultura marginal. Na literatura brasileira, em especial, existe o domínio de obras publicadas por homens, heterossexuais e brancos, o que demonstra a participação ainda incipiente de grupos normalmente marginalizados. Assim, é possível considerar que obras escritas por autores/as homossexuais surjam como manifestação política de inserção dessas narrativas nem sempre visíveis, mas que passam a se constituir como possibilidade de expressão na atualidade. Desse modo, o que costumava ser visto como literatura *gay* na segunda metade do século XX, como termo guarda-chuva para a produção literária das identidades antes delimitadas como GLS (*gays*, lésbicas e simpatizantes), torna-se na atualidade apenas uma vertente diante da produção mais ampla, que atende especificamente publicações para lésbicas, transexuais, pansexuais, entre outras, ou mesmo, no campo das pós-identidades discutidos pela literatura *queer* (MAIA, 2015).

De certa forma, os contos da primeira parte da coletânea foram escritos em um período em que a própria heterossexualidade não era pensada apenas como mais uma entre outras orientações para o desejo. Se a partir do século XIX a homossexualidade torna-se um desvio a ser estudado e questionado pela modernidade ocidental, junto disso reforça-se a ideia da heterossexualidade como padrão. Contudo, ao longo da segunda metade do século XX, quando muitos desses contos foram escritos a partir do tema homossexualidade, o Feminismo de Segunda Onda e as teorias *gays* e lésbicas surgiam em seus processos transformadores como movimento social e acadêmico, diante de uma sociedade ainda centrada por tecnologias binárias de gênero e noções discriminatórias quanto às dissidências. Porém, apenas a partir dos anos 1990 é que surge a Teoria *Queer* questionando a heteronormatividade e a branquitude como políticas arbitrárias e essencialistas. Logo, pela compreensão do gênero e da sexualidade como construção cultural no regimento de

performatividades, corpos e subjetividades, a Teoria *Queer* relativiza a importância do desejo visto como padrão (MISKOLCI, 2014).

Desse modo, os contos de ficção da coletânea *Entre Nós* apresentam narrativas em que são mostrados os subterfúgios de contatos e desejos homossexuais, podendo ser destacadas como parte da poesia envolvendo sensibilidades e processos de identificação singulares. Nesse sentido, a ficção entra como dispositivo de criação para o inusitado e pouco visibilizado enquanto vivências e percepções cotidianas, diante de uma realidade premente que insiste em ser escondida, camuflada e constrangida.

Por isso, em se tratando da relação dos cenários com as narrativas, na maior parte pautadas por situações (e percepções) viáveis aos acontecimentos reais, o espaço de interação das histórias permanece vinculado às convenções da arquitetura das cidades contemporâneas, sem poucas alterações ou desconstruções para representar as personagens homossexuais, transexuais e travestis, presentes nos contos. No caso, estão todas elas e eles vinculadas/os a lugares cis-heteronormativos e patriarcais, sujeitas/os às margens, prisões e armários, onde camuflam provisoriamente suas clandestinidades.

**

Por outro lado, no livro *Violetas, Unicórnios & Rinocerontes*, as narrativas dos contos fantásticos, relacionando histórias insólitas e ficcionais com personagens LGBTQIAP+, tornam a estrutura espacial parte importante na representação dessas identidades, bem como dialogam com possíveis ideologias e estéticas de existência não convencionais. Assim, nessa coletânea de quinze contos, organizada pela escritora Claudia Dugim, a literatura fantástica permite novas possibilidades para a literatura transviada/*queer*, que surge como temática principal na organização dessa obra (DUGIM, 2020).

Os sentidos dados pelas narrativas misturam histórias futurísticas, atemporais, apresentando personagens de novas espécies ou seres feitos de luz para ampliar sentimentos e relacionamentos não pautados, necessariamente, pelo romantismo ou pela monogamia. Ao mesmo tempo também são exploradas sexualidades tanto como práticas quanto identidades na constituição mais complexa do ser, as quais ao invés de se definirem pela cartilha da sexualidade patriarcal e reprodutiva, seguem, assim, por caminhos novos na experimentação sexual de desejos particulares e éticos.

Todas as narrativas tratam da relação entre literatura fantástica, pós-identidades e relações não heteronormativas. Entretanto, boa parte das histórias são futuristas no sentido de criar mundos fantásticos alhures no tempo e no espaço, como se apenas nesse período houvesse maior chance para a desconstrução das corporalidades e desejos binários, pautados estritamente pela divisão masculino e feminino. Nesse caso, as narrativas também constituem, com base na ficção científica, novas espacialidades, materialidades e relações com tecnologias que subvertem a própria condição frágil da humanidade finita. Ou seja, ao mesmo tempo em que o tempo permite a desconstrução das relações convencionais do gênero/sexualidades na atualidade, a tecnologia também seria responsável pela modificação da cultura material que dá suporte a essa constituição ideológico-política; ou na desconstrução da corporalidade orgânica e finita para conceber corpos ciborgues, pós-humanos⁶ e, até mesmo, identidades artificiais devolvendo o estatuto humano como prerrogativa de existência. Como é o caso de contos como *Emiliano*, de Claudia Dugim, *Teste anti-turing*, de Thiago Ambrósio Lage, e *Filha da Terra*, de Alexandra Cardoso.

Outras narrativas fantásticas do livro trazem perspectivas críticas sobre a ameaça ambiental, referindo-se tanto às ações supostamente atuais quanto ao futuro distópico em relação à degradação da natureza e ao drama da humanidade alienada em suas negações históricas, ideológicas e parasitárias sobre o planeta. É interessante que essa ampla relação do espaço do planeta na apresentação da maneira de subestimar a importância do meio ambiente também seja parte da preocupação das narrativas, seguindo em paralelo com os preconceitos pelo desvio às normativas da condição cis-heteropatriarcal. Como acontece no conto *Feito bicho na lama*, de Camila Fernandes, em que as questões racial, não monogâmica e bissexual entram em ligação direta com as propostas de construção de uma arquitetura arqueológica e bioclimática, que é totalmente recriminada pela *status quo* da sociedade normativa, de maneira que os discursos e a própria liberdade são cerceados para evitar o apoio de alguns seguidores, principalmente, daquelas pessoas/seres já discriminados/os por seu viés comunitário, alternativo e reflexivo; enquanto a força policial e os discursos de ódio constituem a estrutura hegemônica de repressão e ruminação do ódio e ressentimento. Outro conto que também compreende o destino da humanidade como fatídico é o *Pensem nas*

⁶ Pós-humano no sentido da incorporação da tecnologia como parte da existência humana na atualidade, questionando a linha binária entre humano e ciborgue.

crianças, de Alexey Dodsworth, que narra o evento de uma invasão alienígena para auxiliar nos rumos da humanidade, tendo Salvador como cidade base para contar essa estória pela visão de três personagens marcantes: “Marcos, um homossexual negro; Jandira, sua irmã mais velha e militante antirracismo; e Iara de Oxumaré, mãe de santo octogenária, avó e responsável pela criação de ambos desde que a mãe deles morrera em um assalto” (DUGIM, 2020, p. 164). Essa estória, por fim, é riquíssima em relações tratando de diversidade, relações sociopolíticas, realidade cotidiana e valorização da cultura africana, tão presentes no Candomblé.

Portanto, ao misturar o campo das ficções, do futurismo, do fantástico, da crítica e da condição pós-humana diante da relação com o meio ambiente natural, tais narrativas de *Violetas*, *Unicórnios & Rinocerontes* possibilitam revisar os pressupostos da cultura material na delimitação do espaço de relações sociais, nem sempre vinculado ao planeta Terra, mas sempre revisando os precedentes da existência humana. Desse modo, o fantástico se constrói não apenas pela narrativa de coisas inexistentes, mas fazendo paralelo com problemáticas atuais, principalmente, na inserção de novas identidades e sexualidades não hegemônicas.

4 Considerações finais

Ao analisar conjuntamente os contos ficcionais ou fantásticos dessas duas obras de escritores e escritoras brasileiros/as, é possível destacar que o interesse por histórias e personagens dissidentes, em suas constituições como sujeitos anormais e *queer*, destaca o caráter particular na caracterização de personagens e narrativas diante de problemáticas políticas e sociais para qualificar tais contos literários (BRASIL, 2019). Ao mesmo tempo, a partir da análise pregressa desses dois livros de contos, observam-se as diferentes abordagens históricas de se relacionarem com estas temáticas identitárias de gênero e sexualidades na livre interpretação poética de autores e autoras consagrados/as com seus olhares atentos e sensíveis.

Primeiramente, no livro *Entre Nós* (RUFFATO, 2007), destacam-se contos escritos desde o final do século XIX e ao longo do século XX que têm a homossexualidade como caráter desafiador para focar nas dissidências identitária e sexual como delimitadoras do sujeito excluído e, ao mesmo tempo, presente em diferentes estruturas sociais e familiares. Desde Machado de Assis, passando por Lygia Fagundes Telles, Caio Fernando Abreu até Simone Campos, a homossexualidade define-se como fator de distinção na representação de

pessoas incomuns, ao se evidenciarem os contrastes e conflitos protagonizados por narrativas de sofrimentos e rompimentos intersubjetivos. Ao mesmo tempo, a maior parte dos contos relata situações de conflitos e sofrimentos com base nesta inadequação entre personagens dissidentes dos valores morais hegemônicos, em busca de adequações e negociações constantes para exercerem suas vontades e alcançarem seus desejos, o que coincide com (ou mesmo antecede) os períodos de formação e afirmação de movimentos feministas e homossexuais, principalmente, a partir dos anos 1980, ao questionarem a sociedade, as instituições, pautadas pela dominação masculina e por políticas heteronormativas como modos biopolíticos de repressão e discriminação.

Já com a publicação mais recente de *Violetas, Unicórnios & Rinocerontes* (DUGIM, 2020), observa-se um maior engajamento estético e político contrário à visão binária e heterocisnormativa de corpos, expressões e performatividades, principalmente, para a composição de personagens. Nesses contos, em sua maioria, escritos por quem já vivencia sua (pós)identidade queertópica, a perspectiva que se abre é para a diversidade plena na expressão corporal, nos desejos, na configuração de cenários e localidades, assim como para constituir entidades e personagens desvinculados do pensamento heterocisnormativo e patriarcal na maneira como são caracterizados com mais fluidez, assumindo a anormalidade e tendo o fantástico como campo de possibilidades irrestritas. Assim, tais contos, além de revelarem maior diversidade interpretativa para suas personagens, também destacam a disrupção dos espaços de interação na narrativa, passando do lugar convencional das cidades para ambiências mais amplas, sustentáveis, tecnológicas ou mesmo insólitas de existência. Esses exemplos, portanto, além de integrados com as publicações anteriores da ficção e com as pautas dos movimentos feministas e LGBTQIAP+, também revelam um olhar artístico para o futuro de reflexões e potencialidades a partir dessas vivências criativamente disruptivas.

Como foi visto ao longo deste artigo, essa disrupção criativa por meio da literatura surge como parte da resistência diante da opressão e da hierarquização da sociedade heterocispatriarcal, operando através de discursos e retóricas fundamentalistas ao redor do mundo e, mais especificamente, no Brasil (ASSIS, 2021). Sendo assim, a imaginação utópica que se abre a partir destas produções artísticas e ficcionais surte efeito não apenas para enfatizar as problemáticas cotidianas de lésbicas, gays, bissexuais, intersexuais e transexuais, ao requererem suas participações e representações em espaços públicos, mas também para

reafirmar, através de suas estéticas e corpos incomuns, as novas vivências de urbanidade. Essas vivências são pautadas pela diversidade não binária, por afetos mais solidários e por corpos menos padronizados, o que mantém a força do campo imaginário na reformulação da realidade contemporânea (CASTORIADIS, 1982). Enfim, é nessa composição criativa e singular de corpos, discursos e cidades imaginadas que a literatura fantástica inspira sonhos mais democráticos e plurais na confluência incerta do que está por vir.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, F. G. de. **Queertopias**: corporalidades sonhadas em narrativas contemporâneas. Maceió: EDUFAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2021.
- BRASIL, L. A. de A. **Escrever ficção**: um manual de criação literária. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. Tradução: Mario A. Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miguens; Revisão técnica Carla Rodrigues. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CAÚLA, A. A cidade utópica no cinema: a invenção de outros lugares. **Rua - Revista de Arquitetura e Urbanismo**, 10, p. 08-13, 01 mar. 2007. DOI <https://doi.org/10.9771/rua.vio.3168>.
- CLAEYS, G. **Utopia**: a história de uma ideia. Tradução: Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.
- COELHO, T. **O que é utopia**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.
- CORREIA, A. *et al.* Cidade interseccional: o direito à cidade nas perspectivas de gênero e raça. *In: Observatório das metrópoles*, 11 out. 2018. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/o-direito-cidade-nas-perspectivas-de-genero-e-raca/>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.
- DUGIM, C. (Org.). **Violetas, Unicórnios & Rinocerontes**. São Paulo: Editora Patuá, 2020.

FERREIRA, G. G. Interseccionalidades e marcadores sociais da diferença na experiência de travestis privadas de liberdade. *In: PUC – RS (2014). Seminário Regional Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família: formação e intervenção profissional - II SERPINF.* (1, pp. 1-12). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/anais/serpinf/2014/assets/23.pdf>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

FOUCAULT, M. De espaços outros. *In: Estudos Avançados*, 27(79), p. 113-122, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GONZATTI, C. Um manifesto *queer* para decolonizar a cultura pop. *Revista Periódicus*, 3(16), p. 156-168, 2021. DOI 10.9771/peri.v3i16.38341. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/38341>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

GUZZO, M. WOLFF, C. S. Afetos no engajamento político das Marchas das Vadias no Brasil (2011-2017). *Revista Estudos Feministas*, 28(2), e72429, 2020. DOI 10.1590/1806-9584-2020v28n272429. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2020v28n272429>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

JAMESON, F. **Arqueologias do futuro: o desejo chamado utopia e outras ficções científicas**. Tradução Carlos Pissardo. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LEWIS, E. S. Teoria(s) Queer e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. *In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago (Org.). Currículo, sexualidade e ação docente*. 1. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2017, p. 157-186.

MAIA, H. T. A Literatura *Gay* é um Cruising Bar: reflexões sobre a literatura *gay*, o mercado e a obra de João Gilberto Noll. *Revista Periódicus*, 1(3), p. 183-199, 2015. DOI 10.9771/peri.v1i3.10176. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10176>. Disponível em: 22 de jan. de 2025.

MARTEL, F. **Global gay: como la revolución gay está cambiando el mundo**. Paris: Taurus, 2013.

MASSAGLI, S. R. **A Escrita como Lugar da Cidade: ensaios sobre a apreensão e a representação do espaço urbano na literatura**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MATANGRANO, B. A. TAVARES, E. **Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasmo**. Ilustrações de Karl Felipe. Curitiba: Arte & Letra, 2018.

MIÉVILLE, C. **Estação Perdido**. Tradução de Fábio Fernandes e José Baltazar Pereira Júnior. São Paulo: Boitempo, 2016.

MIGUEL, L. F. O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu** [online], 62, 2021. DOI 10.1590/18094449202100620016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/CsFcz5vm5bLShxPN3LHDYkk/>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

MISKOLCI, R. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à "ideologia de gênero". **Cadernos Pagu** [online], 53, 2018. DOI 10.1590/18094449201800530002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/7Yd3hfbSD9rH3NW3YqPpzvD/>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

MISKOLCI, R. Crítica à Hegemonia Heterossexual. **Revista Cult**. 17(193), p. 33-35, 2014.

MONICA, E. F. A hegemonia do discurso liberal sobre direitos homossexuais no STF. **Revista Direito e Práxis**, 11(2), p. 1358-1390, abr. 2020. DOI 10.1590/2179-8966/2020/50211. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/50211>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Tradução Eliana Aguiar. Prefácio Virginie Despentes. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

QUARESMA, J. W. M. LIMA, R. B. FERREIRA, G. da S. A Falsa utopia do projeto "Escola sem Partido": intercursos entre a obra "O doador de memórias" e os Projetos de Lei Nº 867/2015 E Nº 193/2016. **Diversidade e Educação**, 9(2), p. 317-344, 2022. DOI 10.14295/de.v9i2.13614. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/13614>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

RIBEIRO, A. S. As Humanidades como utopia. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 63, p. 199-207, out. 2002. DOI 10.4000/rccs.1280. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1280>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

RUFFATO, L (Org.). **Entre Nós**. Contos sobre homossexualidade. Coleção Língua Franca. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

SARDÁ-VIEIRA, M. Errância, devir *queer* e transição espacial nas ruas de Berlim. **Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, 32(3), p. 512-525, 2022. DOI 10.18224/frag.v32i3.12624. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12624>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

SARDÁ-VIEIRA, M. Identidades contingentes e cultural material na Pós-Modernidade. **Revista Grifos**, 31, p. 23-41, 2021. DOI 10.22295/grifos.v31i55.6135. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/6135>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

SARGENT, L. T. Em Defesa da Utopia. Tradução de Irene Enes. In: **Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo Americanos/An Anglo-American Studies Journal**. 1, p. 1-12, 2008. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5168.pdf>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

SEFFNER, F. Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, 15, p. 1-19, 2020. DOI 10.5212/PraxEduc.v.15.15010.045. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15010>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

SILVA, E. A. da. Um passo além? O que a abordagem interseccional pode oferecer aos estudos urbanos. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, 21(3), p. 434-444, set. 2021. DOI 10.15448/1984-7289.2021.3.40549. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/40549>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

TRINDADE, T. A. Direitos e cidadania: reflexões sobre o direito à cidade. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 87, p. 139-165, 2012. DOI 10.1590/S0102-64452012000300007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/jwkcWk7tfGHXfHLR85fKPcL/>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

VIEIRA, M. S. GIORGI, J. F. ROJESKI, M. D. Corpo, espaço e dissidências na urbanidade erechinense. **Pixo Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, 6(21), p. 440-459, 2022. DOI 10.15210/pixo.v6i21.22310. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/22310>. Acesso em: 22 de jan. de 2025.

ⁱ Doutor e mestre em Ciências Humanas; professor adjunto e pesquisador na Graduação em Arquitetura e Urbanismo e na Pós-Graduação *Lato Sensu* em Processos e Produtos Criativos e suas Interfaces. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Coordenação Acadêmica do *Campus* Erechim E-mail: marcosarda@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0263-0992>

Recebido em 31/12/2024
Aceito em 10/02/2025



Eutomia, direitos autorais de Marcos Sardá-Vieira, 2025, licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).